



ZENOVEVA, UMA ÍTALO-BRASILEIRA.

Maria Catarina Chitolina Zanini ¹

Este *paper* se apresenta como desdobramento do trabalho enviado para o ST 65, no evento Fazendo Gênero anterior (2008)², denominado *Radicci, um ítalo-brasileiro*. Neste momento, objetivo analisar a personagem Zenoveva (ou Genoveva), esposa de *Radicci* (anteriormente estudado), também uma ítalo-brasileira, de origem camponesa. Ambos estão presentes nas tirinhas em quadrinhos³ do personagem *Radicci*, criado por Carlos Henrique Iotti⁴, em circulação impressa desde 1983. Estes personagens aparecem periodicamente em vários jornais da região Sul do Brasil (Zero Hora, Diário de Santa Maria, Diário Catarinense, entre outros) e também em livros publicados por Iotti. Zenoveva é uma típica descendente de imigrantes italianos da região serrana do Rio Grande do Sul, casada há muitos anos com *Radicci* e mãe de Guilhermino, um jovem universitário, ecologista, surfista e inventor, contrapondo-se à ordem camponesa presente na lógica de seus pais. Além da família nuclear, há o *nonno*, a Tia Carmela⁵, bem como outros parentes e personagens que aparecem esporadicamente.

Zenoveva é a mãe/esposa/mulher no interior de uma família camponesa que acompanha as mudanças valorativas, tecnológicas, econômicas e culturais contemporâneas, do mundo da colônia, rural, para um estilo de vida mais urbanizado. Ao longo da existência do personagem (de 1983 para cá), percebe-se uma série de alterações no seu comportamento, na sua forma de compreender o casamento e seu papel na ordem familiar, bem como em sua imagem, estética e cuidados com o corpo. Pode-se dizer que Zenoveva vai, também, modernizando-se tentando se contrapor a uma ordem masculina (vide Bourdieu, 2003) determinada na qual a mulher ocupa um papel subordinado. Considerando-se que no universo dos imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul, a família era e ainda é algo extremamente importante, esta mãe/mulher/esposa reflete como as instituições se ressemantizam e os papéis sociais são negociados no interior do domínio doméstico (e também coletivo). Ressalta também que o lugar que é tradicionalmente delegado aos indivíduos nem sempre lhes é de agrado e contento e que estes podem, de certa forma, tornarem-se agentes (vide Ortner, 2007) e sujeitos de suas ações e escolhas.

¹ UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

² Simpósio temático denominado *Os paradoxos das migrações internacionais: suas dimensões étnicas, de classe e de gênero*. Seminário Fazendo Gênero 8. Florianópolis, de 25 a 28 de Agosto de 2008.

³ Inspirada em Innocente (2005, p.20), utilizo a expressão “tirinhas em quadrinhos” para denominar o gênero de escrita, como o apresentado por Iotti.

⁴ Carlos Henrique Iotti, nasceu em Caxias do Sul, no ano de 1964, sendo também descendente de imigrantes italianos.

⁵ No site www.radicci.com.br há informações sobre todos os personagens, seus gostos e estilos.



Enquanto colona, trabalhadora da terra, Zenoveva tende a aparecer mais no domínio da casa. Ela lava, cozinha, passa, limpa, organiza e esta sempre envolta neste universo da intimidade e dos cuidados com a família. Por colonos, entende-se conforme ressalta Seyferth (1993), o camponês que se identifica a origem étnica distinta da regional/nacional, tais como italianos, alemães, poloneses, entre outros. Assim, *Radici* e Zenoveva, além de camponeses/colonos, apresentam uma visão de mundo e de um *ethos* marcado pelo mundo da colônia italiana, seus significados e práticas.⁶ Sabe-se que Zenoveva também trabalha na terra, na roça, mas nas tirinhas ela aparece majoritariamente nos domínios da casa.

Um dos elementos presente nas tirinhas de Iotti é o uso da língua *sotacón*. Diz o autor: “não é português, não é italiano, não é dialeto, é uma nova língua, o *sotacón*” (2006, p.5). Esta língua geral, mescla do português, com distintos dialetos italianos regionais é uma síntese do poder transformador dos agentes culturais que, para sobreviverem, criam novas formas de comunicação e expressão.

Zenoveva, casamento e divisão do trabalho

O casamento do personagem Zenoveva é uma estereotipia do mundo matrimonial italiano, no qual as relações de gênero⁷ são dadas pela assimetria entre os papéis masculino e feminino. Nas tirinhas, Zenoveva aparece como uma *mamma* mandona, sempre reclamando do *Radici*, protegendo Guilhermino, dividida entre os valores tradicionais e originários do mundo camponês e católico e os novos valores apresentados pela mídia (especialmente a televisão e as novelas, adoradas por Zenoveva) e pelo filho, elemento de contraponto. Trata-se de uma mulher trabalhadora, que se veste com simplicidade, usando lenço na cabeça como as antepassadas italianas, roupas de trabalho (saia, blusa, avental, chinelo), mas, por vezes, sonha com luxos maiores: viagens, plásticas, lipoaspiração, ginástica e que ser sujeito de seu prazer, especialmente o sexual.

Este prazer, conforme aparece nas tirinhas, dar-se-ia no interior do casamento monogâmico, com seu marido *Radici*, a quem ela tenta seduzir e persuadir sexualmente de formas diversas. Parte do humor das tirinhas reside nestes desencontros e desejos mal-resolvidos entre este homem e esta mulher já com certa idade e para quem a sexualidade é tema constante de embate. Abaixo, a transcrição de uma tirinha em que Zenoveva com seu lenço na cabeça, de roupas simples e avental e

⁶ Colônia é a designação das localidades de colonização italiana no Rio Grande do Sul, em que os imigrantes italianos se tornaram proprietários de pequenas porções de terra na qual trabalhavam em família.

⁷ Por gênero, entendo, conforme Scott (1990), relações sócio-historicamente construídas.



com um pano nas mãos (provavelmente estivesse limpando a casa), assiste a um programa de televisão no qual é dito pela voz de uma mulher, pressupondo-se que seja para melhorar a vida sexual, que:

TV- Crie um clima com velas, incenso, pétalas de rosa.

Na tirinha seguinte, aparece *Radicci* abrindo a porta do quarto, observando as velas, as pétalas de rosa espalhadas no chão, o incenso e dizendo:

Radicci- Macumba!!! (*Diário de Santa Maria*, 04 de setembro de 2009).

Ou seja, nas tirinhas aparece o desencontro de estruturas de significado entre um homem, ainda banhado pelas suas origens rurais e do mundo “colono” (da grosseria, como diz *Zenoveva*), com as modernidades trazidas pela televisão e desejadas por *Zenoveva*, tais como um clima mais romântico para o casal. Noutra tirinha (2004, p.37), quando *Radicci* vem por trás e aperta *Zenoveva*, ela diz:

Zenoveva – Non dá pra ser menos tarado e mais romântico? Non?! Flores! Quem sabe....

Na próxima imagem da tirinha aparece *Radicci* nu com flores em frente a seus órgãos sexuais e *Zenoveva* olhando para ele assustada. Ou seja, há, entre eles, uma ruptura de significações, quando comportamentos são questionados e acionados conforme o que deles se entende, como o uso de flores na vida efetiva do casal, compreendida por *Radicci* de uma maneira pragmática. Como ressalta *Pozenato*, no site www.radicci.com.br, falando de *Zenoveva*, “que é o maior libelo contra o machismo estúpido do gringo italiano.

Outra questão constantemente presente nas tirinhas é o não-gosto pelo trabalho tornado público pelo personagem *Radicci*. Ele é o colono que não aprecia tarefas pesadas, estas não estão em seus gostos ou *habitus*. (vide Bourdieu, 1983) e é uma das grandes fontes de reclamações de *Zenoveva*. Nas gerações passadas, as mulheres cumpriam mais silenciosamente toda uma rotina de trabalho em relação a seus maridos e filhos (homens especialmente), coisa que já não é feita com tanto silêncio. Também desempenhavam importante papel no trabalho na lavoura, cuidavam das crianças, lavavam roupas, passavam-nas, costuravam, ensinavam orações, o que exigia delas dedicação à família em tempo integral. Em entrevista realizada com *Zenoveva*, no site www.radicci.com.br, quando perguntada sobre seu dia a dia, diz ela:

- Bon, io acordo às 5hs, tiro o leite, faço queijo, preparo a colazione, dopo acordo o Radicci, dopo lavo ropa, trabalho na roça, lavo a louça. De tarde faço pon, salame, chimia. Dopo a zanta, lavo a casa, dô bagno no Radicci e me sento no sofá pra fazê tricô e vê novela.

Esta é vida dela e de muitas mulheres casadas com homens descendentes de imigrantes italianos que ainda vivem na colônia (e não só). Numa tirinha (Iotti, 2004, p.21), quando *Radicci* diz que iria caçar, *Guilhermino* que iria ensaiar guitarra, o *nonno* iria “zoga carta”, *Zenoveva*



aparece deitada na casa, com o controle da televisão na mão, tendo um lanche ao seu lado, pensando “Vou ficar em paz! Incrível”. Ou seja, quando os homens da casa saem, ela pode se dar ao direito de cuidar de si. Como ressalta seu criador, Iotti, ela andaria lendo Rose Mari Muraro e Marta Suplicy (site www.radicci.com.br), duas autoras consideradas feministas. Numa tirinha de abril de 2009, apresentada no jornal *Diário de Santa Maria*, Zenovena, olhando para Radicci, pergunta-lhe:

Zenovena- “Tu me ama!?”

Radicci, olhando para ela, responde:

Radicci- “Para di vê tanta novela!”

Geralmente, nas tirinhas, é Zenovena quem introduz no universo familiar novas tecnologias domésticas, tais como o forno de microondas, que ele reclama, por não ser uma TV na cozinha que não tem imagem (Iotti, 2004, p.14). Ela traz novos hábitos que, segundo *Radicci*, são oriundos das novelas. Zenovena se autodenomina “Mia profisson é do lar... da roça... do tanque...” (site www.radicci.com.br). Enfim, uma mulher-trabalhadora em tempo integral.

A sexualidade da Zenovena

Para Zenovena e *Radicci*, a sexualidade é vivida de uma forma tensa e com um humor cínico, por vezes. Esta forma de expressar a sexualidade revela, em verdade, alguns dos conflitos presentes em um casal já de certa idade, quando o corpo já não tão jovem e a longa convivência tendem a tornar o casamento mais monótono. Fazendo uso de termos e brincadeiras presentes e comuns entre descendentes de imigrantes italianos, *Zenovena* e *Radicci*, trazem à tona questões, tais como: desempenho sexual, inovação, ciúme, traição, corpo, beleza, desejo, fidelidade, entre outros.

Além disto, nas tirinhas, boa parte das tentativas de Zenovena em ser protagonista de sua vida sexual são levadas ao fracasso por *Radicci*, como na tirinha abaixo:

Radicci- Ma Che frio!!!

Zenovena- aproximando-se dele e com um olhar sedutor e os seios empinados, diz: Tem uma atividade que esquenta!

Olhando mais sedutoramente:

Zenovena- Algo quente em suas mãos !!

Na próxima tirinha aparece *Radicci*, olhando para frente, com um copo de bebida nas mãos e dizendo:

Radicci- Boa idéia! Conhaque!!



Zenoveva aparece, então, olhando indignada para frente também. (*Diário de Santa Maria*, 29 de maio de 2009).

Ou seja, lá se foi mais uma tentativa de Zenovena para melhorar sua vida sexual com *Radicci*, típico estereótipo do colono italiano já de certa idade: gordinho, baixinho, de pés descalços, que gosta muito de beber e de soltar gases publicamente. Tais construções produzem riso entre os descendentes porque estes se identificam com tais situações, ou seja, no meio de uma sociedade patriarcal e ainda machista, a mulher protagonista da atividade sexual e da sedução é algo ainda tabu. *Radicci* prefere um bom copo de conhaque ao convite de Zenoveva para ter “algo quente nas mãos”. Embora autores como Vanini (2004) apresentem a existência de comportamentos mais liberais entre os descendentes de imigrantes italianos, o que se observa, apesar de tudo, ainda, é uma tendência ao patriarcalismo e ao machismo como práticas coletivas de exclusão feminina, inclusive da autonomia ou das iniciativas na prática de sua sexualidade. Além disso, apesar do uso de contraceptivos entre as novas gerações, sexo e religiosidade, nas colônias, ainda tendem a andarem juntos.

A sexualidade do descendente de imigrantes italiano é, ainda, marcada pelo catolicismo e pela visão que o corpo é para o trabalho e não necessariamente para o sexo ou para o prazer (vide Zanini, 2006). Ainda, nas estereotípias, sexo, tende a ser, para os homens, mais diversão e para as mulheres, mais procriação. Mas, Zenoveva não concorda com estas posturas. Como ressaltado anteriormente, no mundo camponês dos descendentes de imigrantes italianos, há uma forte disciplina (Foucault, 1977, 2006) sobre o corpo e como este pode, moralmente e honradamente, ser disposto. Zenoveva quer aliar sexo com prazer no casamento monogâmico, contudo há, nesta sua intenção, empecilhos culturais. Além disso, há que se considerar que, na sociedade contemporânea e também nos meios de comunicação de massa, a sexualidade e o sexo se tornaram assunto de saúde pública, que faz com que um bom desempenho, mesmo em idade mais avançada, seja bem visto. E Zenovena talvez esteja acompanhando tais discursos pela televisão.

Interessante observar, pelas tirinhas, como estes dois camponeses, relacionam sexo à natureza e à comida. Em várias tirinhas, é comum aparecer Zenovena tirando ou pondo alguma comida no forno, no cenário da cozinha, quando *Radicci* se aproxima dela, apertando-a ou tocando-a. Numa destas tirinhas, enquanto Zenoveva está colocando um assado no forno, vem *Radicci* e lhe diz:

Radicci- “Vaca atolada!”



Na tirinha seguinte, Zenoveva, correndo atrás dele com uma faca, diz:

Zenoveva- “No! Lingüiça cortada a faca!” (*Diário de Santa Maria*, 22 de dezembro de 2009).

Noutra tirinha, Radicci, olhando Zenoveva de frente, diz a ela:

Radicci – “To me me sentindo um garanhón!”

No quadro seguinte, aparece Radicci dentro de uma banheira, tendo Zenoveva a lhe dar banho e dizer:

Zenoveva- “Entón bagno, tosa das crina e apará os casco!” (*Diário de Santa Maria*, 26 de agosto de 2009).

Zenoveva e o consumo “para si”.

Advindos do meio camponês no qual os valores de uso e os valores de troca devem ser pensados com rigor, Zenoveva aparece, em muitas tirinhas, desafiando a lógica do trabalho pesado, dos ganhos pequenos e do pouco gasto com os cuidados pessoais, em especial aqueles considerados de “ vaidade feminina”. Na tirinha de 24 de agosto de 2009, Zenoveva, olhando-se no espelho, com roupas íntimas (ou de banho), mas de lenço na cabeça, apalpa seus seios e diz:

Zenoveva - Nada como uma plástica para elevar a auto-estima!

Na tirinha seguinte, já sem o espelho, mas com a presença de **Radicci** que olha para ela, também com roupas íntimas (cuecão de bolinhas ou calção de banho):

Radicci: Auto-estima!? Conhecia por outro nome! (*Diário de Santa Maria*, 24 de agosto de 2009).

Tal comentário, no interior da lógica do mundo camponês italiano, aponta que os excessos de cuidados com o corpo ou consigo mesmos, faz com que a “honra” ou “moral” das mulheres seja questionada. Mulheres que se cuidam em excesso ou que gastem muito consigo mesmas são tidas como saindo dos padrões de poupança e disciplina do corpo (vide Foucault, 1997,2006) do mundo camponês no qual os ganhos devem ser investidos na família e não no indivíduo isoladamente. Acostumados ao mundo do trabalho pesado, em que o corpo deve servir ao dever e não aos prazeres, tais situações provocam comentários como o efetuado acima por **Radicci**. A imagem ideal da mãe/mulher/esposa era e é, ainda, daquela devotada aos filhos, marido e parentes mais do que a si mesma ou a seu corpo e desejos.

Considerações Finais



Em tirinhas mais recentes, Zenovena tem aparecido repaginada, fez lipoaspiração, plástica, tirou o lenço da cabeça, aparece com um corte de cabelo moderno, usa roupas da moda e *Rad Ricci* tenta reconquistá-la enquanto mulher. O que se observa, na estereotipia apresentada da colona italiana, do casamento entre ela e *Rad Ricci* e da relação dela com o filho, sempre o protegendo, é que esta era a tipologia ideal da mulher italiana. Mãe zelosa, contudo, agora, atenta para sua individualidade e não somente para os cuidados com a família. Com um certo individualismo crescente, Zenovena, com certeza, tem provocado reflexividades entre os descendentes de italianos, sejam homens ou mulheres.

Em suma, objetivou-se, por meio deste *paper*, mesmo que brevemente, analisar, partindo da trajetória e narrativas de um personagem feminino de descendentes de imigrantes italianos, o quanto há ainda muito que se estudar acerca das colonas, mães;mulheres e esposas de descendentes de imigrantes italianos, seus desejos e dinâmicas sociais.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 22 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- INNOCENTE, Lenaide Gaonçalves. *A tira em quadrinhos no Jornal do Brasil e no Diário Catarinense: um estudo de gênero*. Tubarão. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem. Universidade do Sul de Santa Catarina, 2005. 107 p.
- IOTTI, Carlos Henrique. *O livro negro do Radicci*. Porto Alegre. L & PM, 2002. 176 p.
- IOTTI, Carlos Henrique. *Radicci 1*. Porto Alegre: L& PM, 2003. 120p.
- IOTTI, Carlos Henrique. *Radicci 2*. Porto Alegre: L& PM, 2003. 120p.
- IOTTI, Carlos Henrique. *Radicci 3*. Porto Alegre: L& PM, 2003. 124p.
- IOTTI, Carlos Henrique. *Radicci 4*. Porto Alegre: L& PM, 2004. 1204p
- IOTTI, Carlos Henrique. *Mixórdia: o menos pior do Radicci*. 4 ed. Porto Alegre: L & PM, 2006. 200p.
- IOTTI, Carlos Henrique. *Zona rural*. 2 ed. Porto Alegre: L & PM, 2006. 184 p.
- IOTTI, Carlos Henrique. www.radicci.com.br. Acesso em jan 2008. jun 2010.
- ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 13, n.28, p.375-405, 2007.
- POZENATO, José Clemente. O criador e suas criaturas. In: www.radicci.com.br. Acesso em jun 2010.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, n.2, vol.15, p.5-22, 1990.
- SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). *Anuário Antropológico 91*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p.31-63, 1993.
- VANINI, Ismael Antônio. *O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS*. Ed. Passo Fundo: Ed.UPF, 2004.



ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil Meridional*. Santa Maria. Ed.UFSM, 2006.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Nós e as “antigas”: italianidade, gênero e família. IN: ZANINI, Maria Catarina Chitolina (org). *Ensaio em Antropologia*. Santa Maria: FACOS/UFSM, 2007. p. 8-15.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Radici, um ítalo brasileiro*. *Fazendo Gênero 8*. Florianópolis, 2008. www.fazendogenero8.ufsc.br.